

CARLOS DEL NERO

ACALANTOS E CANTIGAS DE
UM FOLCLORE TENEBROSO

398(81)
D331a

REVISTA DO ARQUIVO MUNICIPAL
VOL. CLXXI — SEPARATA

GRÁFICA MUNICIPAL

do grande Oniz Alceu,
com os respeit. sos Sócios

de discipulo

Quinto N. N. N.

19. 5. 67

33/a

Faint handwritten text, possibly a library stamp or signature.

ACALANTOS E CANTIGAS DE
UM FOLCLORE TENEBROSO

CARLOS DEL NERO

ACANANTOS E CANTIGAS DE
UM FOLCLORE TERREIRO

INTRODUÇÃO

Quando se fala em canções de ninar vem-nos à mente, por *simples associação*, o *nosso tempo de criança*. Realmente não pode existir nada mais evocativo. E somos impregnados por uma áurea de sentimentalismo piegas. Talvez seja uma fuga inconsciente às responsabilidades a que a idade adulta nos obriga. Conforta-nos, é verdade, retornar àquele mundo mágico de outrora.

Todavia, não nos lembramos de que essas canções que agora nos trazem recordações (nem sempre doces, é verdade), já nos trouxeram aborrecimentos e nos causaram sensações muito diferentes na ocasião em que vivíamos no mundo mágico, isto é, na infância.

O que é de hábito faz o uso diz o prolóquio popular. Assim, já nos fizeram, nós o fizemos e outros o farão.

Farão o que ?

Farão uso dessas canções para embalar e acalantar as crianças.

Poderá parecer, presumimos, algo iconoclasta falar-se contra as cantigas de ninar. E não é nosso objetivo falar contra as cantigas de ninar. O nosso escôpo é alertar, se possível, os pais sôbre o uso de *certas* canções amedrontadoras (que constituem, aliás, a grande maioria). Canções que povoam a mente infantil de seres hediondos. De seres sobrenaturais. De criaturas que, bem analisadas, provocariam arrepios *furtivos* até nos adultos (grifamos *furtivos* porque ao adulto, segundo convenção social, não é lícito ter medo...).

E de nossa parte, se não tivéssemos nós o "medo" de incorrer em heresia científica ou mesmo gramatical, diríamos que as cantigas mencionadas neste trabalho constituem a chave mestra de um ex-drúxulo recurso educativo que bem poderia chamar-se "Espantoterapia". O termo não existe, é verdade. É um neologismo absurdo, paradoxal e incoerente.

Convenhamos, entretanto, não haverá paradoxo maior quando usamos canções aterradoras embora folclóricas, com a finalidade de acalmar as crianças no sentido de que elas tenham um sono tranquilo? Sobre isso haverá opiniões divergentes e este trabalho é resultado de nossa maneira de pensar. Achemos que as canções de ninar estão a merecer um estudo mais acurado. Algo mais profundo. Algo que lhes dissecque o conteúdo.

No que tange ao aspecto puramente folclórico essas canções já foram estudadas e reestudadas sob todos os ângulos. Sabe-se muito bem em que regiões elas são cantadas. São conhecidas as mais variadas versões para cada uma. Sabe-se, inclusive, como elas sofreram metamorfoses através dos tempos. Sabe-se tudo, ou quase tudo, sobre a sua origem. E elas constituem, sem dúvida, um precioso elemento de nosso folclore musical. Todavia, os reflexos psico-pedagógicos supervenientes dessas canções estão para ser abordados de rijo, de maneira objetiva e franca. E este trabalho pretende ser uma contribuição para esse estudo.

É bem verdade que o presente trabalho pode ser encarado sob o aspecto nitidamente sociológico. Há nele, entretanto, a preocupação honesta e leal de estudar o problema procurando destacar e apontar os reflexos advindos do uso dessas canções.

Não é este, um manual de canções. Longe disso. Cada canção é estudada em separado e são destacadas as reações despertadas nas crianças. E como o leitor poderá verificar, as restrições aqui apontadas não visam as melodias propriamente ditas. De um modo geral as melodias dessas canções são agradáveis e, em certos casos, são até primorosas. O caso é com as letras!

As letras dessas canções, via de regra, rebuscam situações mórbidas ou personagens aterradoras. Personagens anormais, infanticidas, que matam e devoram crianças. Mas, haverá mesmo esses reflexos? Objetarão alguns. Quando fomos crianças, dirão eles, essas canções nada produziram em nós, além de sua função emaladora.

Aceitando as objeções como lógicas, porque os temperamentos não são iguais, perguntamos: — Que idéia a criança fará de um monstro devorador de crianças que anda sóto pelo mundo? Um monstro errante, faminto de crianças? E esse monstro imaginário é o conhecido "Tutu, Marambá", como veremos adiante.

Que explicação se poderia dar para esse uso doentio de canções de ninar, aterradoras? Haverá objetantes que, nesta altura, estarão dizendo: — Não há desse tipo de canções. Isso é exagêro.

Há, entretanto, uma explicação para esse fato. Ele é resultado de uma poderosa influência que vem atravessando os séculos. É algo que está enraizado em nossa própria nacionalidade. É alguma coisa que assumiu feições brasileiras por força de aculturação. Está dentro de nós. Pertence-nos. É inalienável.

E em razão disso, desde cedo, aprendemos (porque assim nos ensinam) que há castigo para tudo. Que há um monstro especial para cada tipo de travessura e, na hora de dormir, como é óbvio, forma-se uma verdadeira milícia de criaturas anormais e fantasmagóricas. São sentinelas constantes e vigilantes, e aí da criança se não dormir.

Resultado: a criança, inconscientemente, vai aprendendo a usar de um recurso que a defenderá desses monstros. Quando acordada, ela se sentirá impotente para enfrentar os tais monstros, mesmo porque, se não dormir logo, o desfile não cessa. As canções vão se sucedendo. Assim, será muito melhor adormecer logo e enfrentar os monstros durante o sono. Após o pesadelo, certamente, acordará sobressaltada e quando todos acorrerem ao seu quarto aí então ela terá a segurança que lhe deveria ter sido proporcionada antes de adormecer. A verdade é que somente após um grande pesadelo ela poderá sentir sensação de amparo e segurança. Nessa altura, felizmente, ninguém se lembrará de cantar-lhe outra canção. Pelo contrário, todos serão unânimes em afirmar: — Que bobagem. A Cuca não existe...

Devemos convir que é um tributo muito pesado para a criança, além de sua insegurança natural, sujeitar-se a um processo educacional fundamentado e baseado no medo e, ao mesmo tempo, atender às determinações do adulto, isto é, dos pais, para que "não tenha medo". Educar pelo medo é, sem dúvida, um processo deveras condenável. Segundo René Allendy "cumpre não esquecer que o medo é, numa certa medida, o destino fatal da infância e que, normalmente, a idade adulta o deverá reabsorver, contanto que intervenções desastrosas não o exaltem além dos limites naturais, sendo necessário dirigir sua evolução por meio de uma compreensão mais objetiva e mais racional das coisas. É mediante explicações que se reduzirá o medo, mas sabendo descobrir sob o medo manifesto o deslocamento de um medo recalçado, de um problema latente e, às vezes, desconhecido".

1.a Fase

A PREOCUPAÇÃO MUSICAL

O COMEÇO DA VIDA

A nossa vida começa com música !

Essa afirmação, embora à primeira vista possa parecer inconsequente, tem a sua razão de ser. Tem a sua procedência porque, logo ao nascermos, a parteira nos pega ao colo e nos conduz ao primeiro banho, cantarolando retalhos de melodias ou notas musicais esparsas. Algo sem compromisso artístico.

E quando nos levam para casa, ao estranharmos o novo ambiente, sentimos uma insônia muito natural aos recém-nascidos em fase óbvia de adaptação ao ambiente exterior, que é frio, barulhento, excessivamente iluminado. Muito diferente do ambiente anterior, intra-uterino, que era quieto, quentinho, escurinho...

À vista da quebra da rotina de um lar, ocasionada pela chegada de um novo membro e pela desusada movimentação dos pais e dos parentes, no sentido de que tudo fique bem bonitinho e bem arranjadinho para o nenê, a impressão que se sente é a de que o nenê, ao chegar à sua casa, dará pulos de alegria e contentamento. Mas, se esse nenê pudesse falar, temos absoluta certeza que ele diria (ou gritaria) : — Deixem-me quieto ! Quero dormir ! Não façam barulho, por favor !

Recém-nascido não fala... e por isso é obrigado a ouvir barulho sem reclamar. E aí começa a preocupação melódica. A mãe, toda eufórica, põe-se a cantar, ou cantarolar : nãna, nãna — nãna, nãna... e assim por diante. E o bebê acaba ficando entorpecido ao embalo do berço ou do próprio colo materno. A vovó, por sua vez, passando pelo quarto, entende que o nenê precisa de música, e cantarola : chô, chô — chô, chô...

Mas, não fica nisso. Falta o pai. Este, quando chega, dirige-se imediatamente ao quarto do nenê. Influenciado, quiçá, pelo seu an-

tigo relógio de bolso, improvisa também a sua melodia: tique, taque — tique, taque... (nota-se que, via de regra, êsse "tique-taque" se torna um tanto prolongado).

Neste ponto, à guisa de ilustração, seria muito interessante imaginar-se o seguinte quadro: é noite — um adulto, bastante cansado e solenito, quer dormir mas não pode fazê-lo porque alguém, a seu lado, canta um interminável "tique, taque"...

Continuando. Quando todos os membros da família já cumpriram a missão de irritar o nenê, alguém se lembra (felizmente) que êle precisa dormir e todos saem do quarto. O nêne, super-excitado, prorrope em choro. Nessa altura, porém, todos são unânimes em admitir que o nenê precisa dormir e, portanto, pode chorar um pouco. A vovó, entretanto, muito de mansinho, arranja um jeito de sair da sala. Dirige-se, sorrateiramente, ao quarto do nenê e... cantarola alguma coisa para êle dormir.

Por que essa preocupação musical com a criança? É a educação que começa. A relação entre a música e a educação tem raízes étnicas e nós a compreenderemos mais adiante.

Em todos os países do mundo, cremos, cantam-se canções para as crianças; em todos os países do mundo, sabemos, existem canções de ninar. Acontece, porém, que no nosso caso particularmente, as canções infantis, de ninar, não obedecem ao padrão normal porque primam por um pessimismo marcante. São requintadamente tristes e, o que é pior, são aterrorizantes. Mesmo as melodias alienígenas, que vieram de fóra, e que em seus países de origem deveriam conter letras alegres, otimistas e repousantes, aqui, em nossa terra, receberam o crivo da amargura e passaram a ter, em função daquelas raízes étnicas, letras tristes e melancólicas.

A canção de ninar não é, aliás, um fenômeno isolado em nossa música. Todo o cancionário popular brasileiro é, de um modo geral, melancólico, triste e até pessimista. Vale dizer: *a música popular brasileira é triste e melancólica*. Seja a infantil, seja a adulta.

O nosso objetivo, entretanto, é a criança. Por isso, interessamos, apenas, a melodia infantil. Não nos cabe fazer considerações sobre a música adulta mas, isso sim, analisar, também no adulto, os reflexos das canções infantis.

O MUNDO MODERNO E A CRIANÇA

Para que se tenha uma idéia, tanto quanto possível real sobre a criança, é preciso situá-la, antes de mais nada, no mundo em que vivemos, isto é, no mundo moderno. A criança não pode ser

considerada apenas como um objeto ou como uma miniatura do adulto. É algo mais elevado: é um objetivo. É uma esperança. E, destarte, pelo menos aparentemente, ela tem sido a grande preocupação do mundo moderno. Realmente nunca se dispensou tanto interesse e atenção às crianças como nos tempos atuais. Várias ciências, inclusive, têm em mira a criança: Pedagogia, Psicologia, Puericultura, Pediatria, etc. E é a criança, sem dúvida, merecedora de grandes atenções e estudos. É um pequenino ser que desabrocha para a vida. É um pequenino alicerce para uma grande estrutura.

Inúmeros são os problemas modernamente focalizados pelos estudiosos, em relação à criança: a criança mimada, a criança precoce, a criança desamparada, etc. Inúmeras são, também, as maneiras de equacionar êsses problemas, tôdas elas convergindo entretanto para o ponto crucial que é o desajustamento. Eis o ponto, isto é, a moderna preocupação: a criança desajustada. Fala-se muito, hoje em dia, em desajustamento. Todavia, fala-se em desajustamentos com a mesma simplicidade com que se fala no aumento do custo de vida, coisa corriqueira, aliás, no processo inflacionário que estamos atravessando. Como se bastasse dizer, apenas, que a criança está desajustada e tudo ficaria resolvido. Diagnosticar o desajustamento não basta. É como descobrir que um fio descolado dá choque. Indicar-lhe a terapia também não é o suficiente. O fundamental, o importante é descobrir a causa. A causa primeira. A causa profunda.

Melhor seria não houvesse causa. Sem causa não há efeito. Em resumo: o ideal seria prevenir...

Assim não acontece, entretanto. Há centenas e centenas de anos a praxe é esta: primeiro se procura educar e depois se procura corrigir. Educar, neste caso, é proibir, cecear, suspender, disciplinar, castigar, impor impingir, etc.

E o que é educar, na acepção correta do termo?

Dentre as inúmeras definições existentes escolhemos a de Adolphe Ferrière, somente para facilitar o trabalho: "Educação é a arte de desenvolver as forças sãs da criança, *primeiro*, em conformidade com as leis biológicas do progresso (diferenciação e concentração correspondente das faculdades da criança e de sua força volitiva); *segundo*, a fim de prepará-la para chegar a ser um indivíduo forte e nobre já em sua vida individual, já socialmente, na comunidade em que há de viver e há de ter dignamente um pósto para o bem comum".

Eis aí uma feliz definição que, em resumo, preceitua: Educação é arte!

Arte! Em certas circunstâncias essa arte se torna arte plástica... Quantas e quantas aberrações são cometidas em nome da propalada e mal compreendida EDUCAÇÃO MODERNA. Pessoas menos avisadas chegam a apregoar que, educação moderna é deixar que a criança faça o que bem entenda, para não criar complexos...

Se dissemos anteriormente que a educação poderia ser arte plástica, em nosso caso ela se transforma em arte musical, com raízes folclóricas. Cantam-se canções para as criancinhas. E nessas canções os ensinamentos aparecem, isto é, são ministrados de maneira gritante sob a forma de castigos e onde os fantasmas e os bichos fazem as vèzes de juizes. De juizes inflexíveis e duros que julgam as faltas das crianças e lhes aplicam sanções as mais pesadas. Normalmente é aplicada (sugerida, melhor dizendo) a pena máxima: devoramento. Existem bichos e fantasmas especializados para cada caso: falta de apetite, falta de sono, falta de vontade de tomar banho, etc).

Esforços são feitos pelas mães no sentido de aprender e decorar o maior número possível dessas canções. E todo êsse esforço artístico se processa sem que ninguém examine o conteúdo dessas canções. Sem que ninguém procure saber se o emprêgo dessas canções é benéfico ou maléfico. São coisas de criança, dizem todos...

Podemos afirmar que, enquanto a canção está sendo cantada, a criança não terá preocupação melódica. Com o decorrer dos dias e dos meses e com o seu desenvolvimento mental, ela passará a projetar com precisão os personagens de cada canção. E êsses personagens passam a ter vida. Tornam-se realidade aparente. É o poder da sugestão. E a sugestibilidade não demora muito a se manifestar. "A sugestibilidade da criança, diz Robert Gaupp, apresenta-se clara no segundo ano de vida; ulteriormente se desenvolve com relativa independência do grau de maturidade intelectual, porém guarda estreita relação com o temperamento e a predisposição, especialmente com a vivacidade da fantasia infantil".

E o que se infere disso tudo?

Infere-se que as bruxas, os fantasmas, os bichos comedores de crianças e tudo o mais, passarão a promover penosa associação com a hora de dormir. Isso porque êsses monstros todos não se manifestam à luz do dia. Tôda a magia, branca ou negra, está inti-

mamente relacionada com as trevas da noite. E aquêles momentos que precedem ao sono, que deveriam ser tranquilos e suaves, constituem-se, por força dêsses agentes, em verdadeiro martírio para as crianças. Nessa hora, isto é, nesses momentos, o desfile de criaturas anormais engrossa fileiras. E para isso muito contribuirá a imaginação viva e exuberante da própria criança. O temor às trevas, então, passa a ser perfeitamente justificável. Contudo, certas mães, ainda hoje não compreendem porque o seu filho, já adolescente, tem medo de dormir no escuro...

A SEGURANÇA

Diz Jung: "O mundo mental de cada um é uma organização, um conjunto dinâmico de sínteses associativas ou estruturas em evolução contínua, à base de tendências instintivas e tendências derivadas".

O problema é, portanto, de equilíbrio, de onde provém a segurança. A moderna Psicologia ensina, aliás, que a criança precisa de segurança para se desenvolver. Esse sentimento de segurança é imprescindível para que a criança se desenvolva de modo ordenado e de maneira tranqüila, normal e harmoniosa. A falta dêsse sentimento, como é natural, será a causa de muitos problemas na conduta infantil e, mesmo, de problemas posteriores, quando da integração na sociedade. Contudo, apesar de a Psicologia determinar expressamente a necessidade de segurança e tranqüilidade para se promover o equilíbrio emocional, os pais insistem nêse catalizador negativo que são as canções de ninar aterrorizantes. Ainda sobre a segurança, assim se expressa o pensador Bertrand Russel: "O ambiente emocional acertado para a criança é uma questão difícil e, naturalmente, varia com a idade dela. Durante a infância, se bem que decrescendo continuamente até certo ponto, há necessidade de se criar uma sensação de segurança. Para êsse fim, a bondade e uma rotina agradável constituem os pontos essenciais. As relações com adultos devem ser de folguedos e de doce tranqüilidade" — e prossegue — "A criança tem duas necessidades opostas, segurança e liberdade, das quais a última se desenvolve gradualmente às expensas da primeira. A afeição dispensada pelo adulto deve ser de forma a causar uma sensação de segurança, porém não delimitar a liberdade ou de despertar uma reação profundamente emotiva na criança".

E para maior segurança — segundo J. Souza Ferraz — “a educação deve evitar quanto possível as idéias supersticiosas que calam na alma dos pequetinos. *Ameaças com bichos, com assombrações, com demônios são muito perniciosas*”.

FUNDAMENTOS ÉTNICOS

Não será por mero acaso que vimos usando há tantos anos esse tipo de canções de ninar, aterrorizantes, supersticiosas e lúgubres. Há uma explicação real para isso. É um fenômeno de aculturação. Como se sabe, a etnia brasileira é resultante de três tipos de raças, isto é, é o fruto da amálgama de três raças fortísimas: branca, índia e negra. Delas adquirimos as características principais.

Da raça negra, entretanto, não herdamos simples características físicos uma vez que pertencemos à raça branca. Da raça negra, pela interação, herdamos a maneira de ser, a maneira de enfrentar os problemas, a maneira de cantar e outros traços culturais. Se não, vejamos: nossa música popular é afro-brasileira. Nosso folclôre musical é afro-brasileiro em sua quase totalidade. Nossa maneira de encarar as coisas é afro-brasileira...

No que concerne à música em especial, é inegável que a influência africana sobrepujou arrebatadamente toda a influência européia ou indígena. Na Pequena Enciclopédia de Conhecimentos Gerais, na secção de música, encontra-se esta informação sobre o assunto: “As levas de escravos negros, que foram chegando da África, trouxeram para a nossa música um novo manancial de influências poderosas, que nela deixaram o seu traço decisivo. “E, acrescenta: “Pode-se dizer, de modo geral, que a música dos indígenas muito pouco influenciou na evolução da música brasileira, ao passo que a música dos negros teve influência capital, constante, inelutável, que contrabalançou e alterou profundamente o sentido da influência portuguesa e européia”.

Cabe aqui, portanto, uma consideração paralela: a música indígena não poderia influir, quem sabe, de modo tão acentuado em nossa música por ser ela nitidamente guerreira. A música indígena visava cantar feitos de guerra, de lutas, de conquistas, muito ao sabor do feitio aguerrido dos próprios índios.

E, então ?

Então o povo brasileiro, de índole pacífica, sentimental e meio fatalista, inclinou-se e integrou-se ao que lhe falava mais familiarmente ao seu temperamento.

2.a Fase

CANÇÕES E FANTASMAS

A FONTE DO MÊDO

Florestan Fernandes em seu alentado trabalho "Folclore e Mudança Social na Cidade de São Paulo" assim se refere às canções de ninar: "A situação social produzida pela padronização das relações entre os adultos e as crianças no acalanto, pode envolver o recurso às cantigas de ninar, o qual, em certas circunstâncias, chega a ser concebido como "obrigatório", particularmente nos casos em que os temas das composições possuem polarizações mágicas. Esse é, naturalmente, a condição normal nas formas de acalanto de cunho folclórico". Analisando a disposição manifestada pela criança para dormir, assim escreve esse autor: "A disposição para dormir tanto se relaciona ao sentimento de conforto, de segurança e de bem estar, provocado pelas ações mecânicas dos adultos, quanto a outros sentimentos mais complexos, atualizados principalmente através da significação subjetiva que os temas das cantigas de ninar adquirem no espírito das crianças".

Nem todos assim pensam, entretanto. Todavia, alguns folcloristas procuram ressaltar a influência desses temas como fonte de medo e, mesmo, de pavor. Veríssimo de Melo nos dá o seguinte testemunho: "A impressão que guardamos da infância desses bichos apavorantes é profunda e aterradora. O carrapato foi a minha dura angústia infantil. Ainda o vejo na memória, semelhante a uma tartaruga, muito parda, confundindo-se com as telhas, agarrada aos caibros e pronta para saltar sobre a minha rede e devorar-me rapidamente".

Luiz de Câmara Cascudo assevera que, "à sua simples menção, as crianças fecham os olhos e procuram adormecer sob o império do medo".

tuação se tornará embaraçosa porque a criança querera saber o que é "Caipora" e o que é "Surrão".

Se as mães ignorarem o significado dessas palavras, a questão ficará confusa. A criança fará as imagens com os seus próprios recursos mentais. Se, pelo contrário as mães o conhecerem, terão que explicá-lo. E essa explicação, em plena noite, acabará por arrazar a segurança e a tranquilidade da criança.

— "Caipora" é um ser estranho e horrível que vive na floresta. Sua aparição produz o azar, o infortúnio e a má sorte...

— Quanto a "Surrão", é aquele saco (ou embrião) que os caminhantes das estradas levam às costas.

É uma tremenda e lúgubre combinação: Caipora + Surrão. E dessa estranha combinação surgiu uma figura que durante anos e anos, serviu para amedrontar as crianças: O HOMEM DO SACO. Quantas e quantas vezes as mães se serviram dele para "esfriar" os ânimos infantis ou a falta de apetite: — Se você não se portar bem, eu chamo o "Homem do Saco"; — Se você não para de chorar, eu chamo o "Homem do Saco"; — Se você não comer tudo, eu chamo o "Homem do Saco". E assim por diante.

Por simples associação, quando a criança percebia a aproximação de um comprador de garrafas vazias (e antigo comprador de garrafas vazias costumava levar um saco às costas, onde colocava as garrafas) sentia uma estranha sensação e desandava a correr à procura de um familiar que a salvasse do "Homem do Saco"... Acontece que, nessa ocasião, dado o estado emocional da criança, não convinha, às mães, o recurso anterior. E carecia uma explicação mais tranquilizadora:

— Que bobagem, meu filho, "O Homem do Saco" não existe... Cabreria muito bem, aqui, o ditado: conforme a música, assim se dança.

Pois bem. Ainda não refeita das impressões causadas pela "cuca", pelo "boi da cara preta", pela "caipora" e pelo "homem do saco", e mais cedo do que se pensa, talvez na mesma noite, ela entrará em contacto com um novo personagem assustador: o "TUTU MARAMBÁ".

De que maneira? Através de uma cançãozinha, como é óbvio Eis a canção:

Tutu, marambá

Não venhas mais cá

Que o pai do menino

Te manda matá.

Surgirá novamente a curiosidade: o que é "tutu"?

A criança, certamente, terá ouvido essa palavra em outras circunstâncias. Mas, como terá ela entrado em uma canção? Se se tratasse de assunto culinário a criança saberia que "tutu" é um excelente prato preparado com feijão amassado e farinha de mandioca. É o chamado "virado". Se se tratasse, ainda, de um termo de gíria brasileira, a criança teria uma vaga idéia de que "tutu" quer dizer dinheiro.

Acontece que não se trata de gíria e muito menos de comida. Trata-se de uma canção de ninar... E ela se refere a um "tutu" que é também "marambá". Note-se que o Marambá vai se enquadrar perfeitamente no espírito das canções anteriores. O dicionário assim define: *Tutu*: gênio assombrador e comedor de crianças. *Marambá*: que não tem parada; errante. Logo: tutu marambá quer dizer: Gênio errante, comedor e assombrador de crianças.

O BICHO NO TELHADO

Para completar a análise deste primeiro ciclo de canções, podemos enriquecer o repertório com esta preciosidade assombradora que terá aspecto, talvez, muito mais feio do que se possa imaginar. Os "papões" citados anteriormente eram papões por extensão, porque comiam crianças. O que vai aparecer agora é "papão" por justiça e por direito porque é o próprio "Bicho Papão". E o veículo desse BICHO é a canção seguinte, muito usada e indicada para acalantar criancinhas...

Eis a canção:

Bicho papão

Sai de cima do telhado

Deixa o nenêzinho

Dormir sossegado.

Sobre esse bicho há uma particularidade que o diferencia dos anteriores. Sobre o seu nome, entretanto, não há necessidade de maiores comentários. Se ele é "papão" é porque papa, porque come... Papa, o que? Crianças é claro!

Sim, porque se a canção se destina às crianças, seria absurdo se elle papasse adultos. Fica muito mais sugestivo papar crianças.

Em análise mais demorada vamos encontrar aquella particularidade citada anteriormente. O "bicho papão", especialmente, é o que está mais próximo do nenê. Muito mais do que a "cuca", o "boi da cara preta", a "caipora" ou o "tutu marabá".

O "bicho papão" está exatamente no telhado da casa do nenê. Não terá ocorrido às mães que, se o "bicho papão" sair de cima do telhado elle poderá entrar no quarto do nenê? Bem. Se não ocorreu às mães... ocorre frequentemente às crianças.

A M U C A M A

Atingimos, com a Mucama, o ponto alto da influência africana na educação brasileira. Foi a Mucama, sem dúvida, o mais poderoso agente dessa influência, como veremos adiante

Voltando às canções, e, a julgar por essa pequena amostra de nossas canções de ninar, visando apenas o aspecto folclórico, dir-se-ia: o povo brasileiro é um povo melancólico.

Puro engano!

O povo brasileiro é um povo alegre, buliçoso e adora o lado humorístico das coisas. Haja vista a capacidade inesgotável que elle possui para satirizar os acontecimentos e as personalidades illustres, através do anedotário popular. E afirmamos, mesmo: não possuísse o Brasil a brilhante e sólida literatura que possui, bastaria o anedotário popular para atestar eloquentemente a verve de nosso povo.

Há uma explicação para essa inclinação fantasmagórica que as canções encerram. É, sem dúvida, outro reflexo da influência africana em nossos hábitos e costumes. É a estratificação de vários séculos de contacto social e interação. Esse hábito de cantar para as crianças adormecerem, é igualmente secular. Remonta ao tempo em que os filhos eram entregues aos cuidados das MUCAMAS, escravas que faziam as vèzes de pagens e amas de leite. E o contacto dos escravos com a raça branca era muito íntimo. Podemos dizer que coube aos escravos, mais particularmente às escravas, a responsabilidade da educação de várias gerações de jòvens e crianças. De início, como se disse, as crianças eram entregues às MUCAMAS (amas de leite), depois, às outras escravas. Note-se que

os filhos de colonos ficavam sob a tutela das escravas até à adolescência, isto é, o tempo mais do que suficiente para estratificar uma mentalidade puramente africana. E desta familiaridade nasceu a troca de hábitos e costumes. Mas, o brasileiro, ainda nôvo, tinha muito pouco a oferecer. E, porisso, recebeu muito.

Sobre o que recebemos dos negros, assim escreve J. Serrano: "Herdamos dos negros a sua afetividade, as crendices e as superstições, o amor pela música e pela dança, uma certa "negligência crioula", uma resignação heróica para suportar a miséria, uma concepção um pouco fatalista e, quiçá, leviana da vida, sem grandes preocupações do futuro, o hábito do trabalho, sem amor, mas também sem revolta e, enfim, a melancolia impressa mais na música e na poesia do que no estado de alma habitual do povo.

Não é para se admirar que essa influência tenha sido tão marcante. A escravidão negra, no Brasil, foi extinta há apenas 77 anos (1888). Quanto tempo durou? Segundo os historiadores, o tráfico de negros para o Brasil é quase tão antigo quanto a descoberta da Terra. Deve remontar, mais ou menos, à data de 1532. Nessa época iniciava-se, por inspiração do grande colonizador Martim Afonso de Souza, a cultura da cana de açúcar. Esse tipo de cultura demandava braços e, o indígena aprisionado, demonstrou tal aversão e inadatabilidade ao trabalho organizado, que os colonizadores tiveram que recorrer ao braço negro.

A se dar essa data (1532) como certa e precisa, teríamos tido, então, 356 anos de escravidão negra. O bastante para influir poderosamente nos hábitos, nas crenças e na maneira de ser do povo escravizante, uma vez que a educação de seus filhos estava entregue às escravas. E, como disse Aroldo de Azevedo: "Várias gerações de brasileiros receberam forte influência da Mãe Preta, que gozou de muito prestígio nas casas senhoriais do passado".

E se quisermos modificar esse estado de coisas, precisaremos de mais quatro séculos para reformar a nossa mentalidade.

Valendo-nos, então, das informações de etnólogos podemos afirmar que essa tarefa não seria das mais fáceis, uma vez que as superstições, as crendices e tanta coisa mais, estão de tal forma arraigadas em nossa mentalidade que, difficilmente, se tomaria outro rumo com veremos a seguir.

A Mucama serviu, inclusive, de inspiração para essas canções, sendo uma delas a que se segue. Nesta canção, excepcionalmente, não aparecem bichos. Aparece a própria Mucama. Esta canção

aborda a situação, isto é, uma situação mais ou menos comum a muitos lares: a criança recalcitrante e não querendo tomar banho. É interessante notar que até para isso possuímos canção.

Eis a canção:

*Mucama muito feia
Que veio da Bahia
Pega êste menino
E lava na bacia.*

CANTIGAS E ORIXÁS

Não serão muito poucos os brasileiros que, ao depararem com uma escada de pintor, na via pública, discreta ou abertamente se desviarão dela (alguns, alegam que isso não é superstição. A lata de tinta pode cair na cabeça...).

Outro exemplo típico:

Quando nos acontecem coisas agradáveis ou quando a vida nos corre bem, sentimos uma insopitável vontade de contar, de falar, de dizer de nossa satisfação. E assim o fazemos na primeira oportunidade. E o nosso amigo, nosso parente ou outra coisa, nos adverte pressuroso:

— Cuidado. Bata na madeira...

E damos três pancadas na madeira. E essas três batidas na madeira têm a propriedade mágica de fazer perdurar a felicidade. Caso contrário, a felicidade se extinguirá.

E, quanto a espelhos quebrados? Quando se quebra um espelho, não faltará quem faça um comentário para confortar aquele que quebrou o espelho:

— Não foi nada. Isso não tem importância...

Intimamente, porém, todos estarão pensando:

— ... Espelho quebrado traz sete anos de azar.

Até para o presépio de Natal, até bem pouco tempo atrás, dava-se um caráter fetichista. Era voz corrente que, aquele que armasse, em sua casa, um Presépio de Natal deveria fazê-lo durante sete anos seguidos, isto é, durante sete natais. Caso contrário, seria amaldiçoado e sobre ele pesariam as iras celestes.

Os costumes vão mudando. É bem verdade que a cultura vai abrindo novos caminhos. Entretanto (à guisa de enfeite, dizem elas) inúmeras pessoas colocam ferradura à porta de suas casas.

Mero enfeite...

Verdade seja dita que não é mais aquela ferradura autêntica, rústica, grosseira, mas, uma ferradura estilizada, trabalhada, burilada, comprada em lojas e... com suporte para vasinhos de flores.

E, para não citar tantos outros amuletos, devemos encerrar com a "FIGA". A "figa" é um verdadeiro símbolo nacional, conhecido e respeitado. Previne a má sorte ou o azar.

Entretanto, a "figa", assim como a ferradura, evoluiu muito. Hoje quase não se usa a "figa" original, rústica, de madeira. A "figa" está requintada na forma e no sentido. É, inclusive, presente para recém-nascido. Dizem as pessoas, quando dão êsse "presentinho":

— Achei tão bonitinha esta figurinha de ouro e, a correntinha é tão delicada... O nenê poderá usá-la desde já.

Note-se: a figurinha é de ouro. A correntinha é de ouro. Mas a intenção oculta é sempre aquela: prevenir do azar.

Isso não acontece somente com famílias humildes. Acontece também com famílias de boa formação cultural e em certos casos, com famílias de regular formação religiosa.

Como explicar êsse fenômeno? Bem, a explicação poderia ser esta: a atitude paradoxal pode ser encarada como uma *garantia*. Garantia e endosso, porque A RELIGIÃO SALVA — O FETICHISMO PREVINE...

Se, de um lado, o nosso procedimento correto e justo nos mantém em paz com a religião, amando o próximo, por outro lado, o fetichismo nos previne contra o "mau olhar" do próximo, contra os invejosos e contra os maldosos.

Em resumo: Nós somos bons e, o nosso PRÓXIMO não vale nada.

Vejamos, então, de onde se originaria essa maneira exdrúxula de justificar a fé. A explicação mais aceitável, e viável, certamente estará nos "ORIXÁS".

Sem a menor intenção de penetrar no terreno puramente teológico, arriscamos a afirmação que ainda hoje a crença no poder dos amuletos é muito acentuada. Dissemos que a explicação estaria nos "orixás". E o que são os "Orixás"?

J. Serrano, em seu extraordinário trabalho sobre os negros refere-se ao espírito essencialmente fetichista dos mesmos. Entretanto, as tribos mais adiantadas não desconheciam a existência de um Deus criador. A Ele atribuíam o bem e o mal. Abaixo de Deus, porém, adoravam muitos "Orixás". E aqui entram os "Orixás".

"Orixás" eram divindades secundárias representadas por figurinhas de terra-cota, de madeira ou de marfim, das quais tudo esperavam e aos quais tudo pediam. Os "Orixás" possuíam, como ainda possuem, os seus ministros chamados "Olorixás", que gosavam do maior respeito. A título de curiosidade devemos dizer que as mulheres também podiam ser "Olorixás", desde que passassem três anos a fio de iniciação no culto dos "Orixás".

Pois bem. Tudo isso acontecia nas tribos mais adiantadas. Nas tribos mais atrasadas reinava o mais grosseiro fetichismo. Qualquer objeto podia servir de FETICHE. Cultuavam-se até certos animais como a serpente e o boi. A superstição dominava por completo o espírito do negro.

Não podemos nos esquecer que para o Brasil vieram adiantados e atrasados. Os segundos, em maior quantidade. Conforme A. de Azevedo "provieram de regiões diferentes, a maioria da costa atlântica (Guiné e Angola) poucos da costa do Oceano Índico (Mocambique). Pertenciam a dois importantes grupos: os *Sudaneses* e os *Bantus*. Os sudaneses, mais finos e mais cultos. Os Bantus, mais rudes e mais atrasados".

E concluímos a apreciação de J. Serrano que, aliás, serve e muito bem para o nosso caso, isto é, para os brasileiros da atualidade: "penosíssima era a tarefa do missionário na África. As conversões eram bastantes frequentes, mas os negros nunca abandonavam de todo o seu fetichismo".

E isso explica o que dissemos anteriormente:

— A religião, salva — O fetichismo, previne...

Dessarte, não será tarefa das mais fáceis modificar de pronto o que está sedimentado pelos séculos, apesar do avanço do progresso e da cultura.

CLARO E ESCURO

E assim iniciada, qual ministro de "orixá", a criança estará preparada para o que der e vier. Sua primeira manifestação desse longo aprendizado será nestes moldes:

— Mamãe, deixe a luz acesa...

E a mamãe, toda satisfeita por deixar a luz acesa, e esquecida das histórias recém-contadas acha que está tudo bem porque a criança dorme sózinha... desde que a luz fique acesa. Disse Émile Planchard: "Quanto recios infantes ou antipatias injustificadas terão nascido assim, quer por negligência, quer pela vontade sistemática dos pais e dos educadores. Conserva-se a luz acesa nos quartos das crianças e no fim de contas, o resultado obtido será precisamente o contrário".

O resultado será o medo!

E o medo, segundo J. Souza Ferraz, "é o responsável, amiúde, por uma série de perturbações do caráter infantil. Debilita, faz perder a confiança em si, preocupa o espírito, impedindo o repouso durante a noite. Coadjuva na formação dos "sentimentos de culpa", que trazem uma espécie de arrependimento ou desgosto para consigo mesmo".

E, segundo Rouma, "o menino medroso é sempre esquisito, teme estar só, não pode ser feliz".

3.a Fase

CANÇÕES E AMARGURAS

BICHOS REAIS

Terminada a fase do acalanto, isto é, das Cantigas de Ninar, depois que a criança atinge uma certa idade *torna-se desnecessário cantar para ela dormir*, vamos penetrar na fase seguinte, a das *Cantigas de Roda* que é consequência da anterior.

Nesta fase a criança participa inteiramente das canções, porque ela própria canta essas canções. E ao cantar, sente, vibra, dá expansão aos seus recalques. Entretanto, novas incongruências vão surgir nesta fase da vida no que concerne às canções.

Agora, os bichos reais (não os "papões") entrarão em cena e terão papel de destaque nêsse drama e, da mesma forma que o africano, conforme o que escreveu Manuel Querino, "na intimidade o negro, sempre alegre, conversador e folgazão, costumava dar expansão às suas máguas contando (e cantando) histórias de macacos, e bruxarias que ouvira na terra natal", a *criança*, ensinada e educada a respeitar os animais, passa a cantar canções em que os animais sofrem agressões ou são acometidos de pertinaz melancolia.

Um exemplo típico seria êste: a criança está com seis aninhos. Está bem educada. Aprendeu a respeitar os seus pais, a gostar de seus parentes, a querer bem a seu próximo. Na escola, porém, (ela já vai à escola porque está em idade escolar) vai acontecer uma coisa curiosa. Em classe, ela aprenderá a gostar dos animais porque êles são úteis ao homem. E lhe é ensinada também a recomendação clássica: Não devemos maltratar os animais!

Pois bem.

Fora da classe, isto é, saindo da sala de aula ela é conduzida à "sala de música" juntamente com outras crianças. Devemos abrir

um parênteses para explicar que "sala de música", em certos casos, é um eufemismo para designar uma sala igual às outras (ou menor) onde se encontra um piano...

E nessa "sala de música", com os seus amiguinhos, ela aprende a cantar canções infantis. E canta com entusiasmo a sua primeira canção:

Atirai um pau na gato-to

Mas o gato-to

Não morreu-reu

Dona Chica-ca

Admirou-se-se

Do berrô, do berrô

Que o gato deu

Mianuu.

O contra-senso é patente. Primeiro, ensina-se a criança a gostar dos animais, para depois sugerir-lhe uma atitude contrária ao que lhe foi ensinado. Não cremos, entretanto, que essa canção, isoladamente, possa causar efeitos recalcentes mas, isso sim, poderá estimular a maldade contra os gatos, levando-se em conta velha superstição que ensinava ser de Deus o cachorro, e o gato, do diabo.

Talvez resulte disso o repertório de canções de nossas escolas pré-primárias, na qual primeiro se aprende uma canção onde se atira um pau no gato, chegando quase a matá-lo e causando um enorme espanto a essa Dona Chica, pelo berro que o gato deu.

Logo em seguida, porém, a petizada aprende a cantar outra canção, mais suave, mais terna, mais condescendente, porque o cachorro não é do diabo...

Cachorrinho está latindo

La no fundo do quintal

Cala a boca cachorrinho

Deixa o meu benzinho entrar

Enfim, não se pode negar que, no que se refere a serviços prestados ao homem, o cachorro apresenta maior índice de utilidade. Nessas duas canções, porém, fugiu-se um pouco à regra melancólica. E a do gato, principalmente, é bastante anérgica.

O ATABAQUE

Essas experiências tódas por que passa a criança, aliadas a um conceito todo peculiar de pecado, que visa não o ato em si mas o castigo sobrevivendo dêsse ato, poderão causar sérios embaraços mentais a essa mesma criança. Não serão, evidentemente, as canções do gato e do cachorro as responsáveis, mas as outras, as inúmeras, e dentre elas as já citadas: a da "Cuca", a do "Boi da Cara Preta", a da "Caipora", a do "Tutu Marumbá" e a do "Bicho Papão".

Abrimos um parênteses para reforçar essa assertiva, uma vez que ainda há pessoas que recalcitram em aceitar essas canções como perigosas. É o seguinte: podemos afirmar, em sã consciência que, mesmo ao adulto de melhor formação e até da avantajada constituição física, não escaparia um ligeiro tremor de receio ante a possibilidade de encontrar, em circunstâncias especiais, êsses monstros criados pela superstição, mesmo sabendo que êles são frutos puramente de fantasia.

Não seria demais afirmar que êsse tipo de educação, encerrando grandes doses de superstição, de medo, de agouros, poderá causar não somente fobia, como até inexplicáveis neuroses.

Jung afirma que "assim como uns se tornam neuróticos por causas externas, os outros sofrem êsse destino por motivos interiores".

E explica: "Certos gostos, aversões, antipatias, atrativos sem causa aparente, que se manifestam nos adultos, são explicáveis por acontecimentos sobrevivendo na infância e que permaneceram no olvido. Estímulos que se associam a experiências desagradáveis, serão determinantes na repetição de estados emotivos anteriores, enquanto que outros, condicionados a situações agradáveis, despertam emoções desejáveis".

Será que a convivência com “Papões”, “Cucas”, “Caiporas”, etc., despertará, futuramente, emoções agradáveis e desejáveis ?

A vida continua. E a criança, como é óbvio, cresce e se desenvolve. Assim, vai aumentando o seu círculo de amizades. Forma-se a roda. E nessa roda, se canta (porque tudo se faz através de cantigas). Até o homem do povo, quando em grupo, dá expansão à sua alegria e ao senso de sociabilidade, cantando ou cantarelando músicas populares, mormente agora em que está tão em moda a “Bossa Nova”.

Deve-se notar, entretanto, que entre nós brasileiros o problema instrumental, praticamente não existe. O acompanhamento para essas reuniões cantantes é feito com objetos os mais exdrúxulos (caixa de fósforo, pente, lata de graxa ou porta de garagem). A porta de garagem, no caso, faz as vezes de ATABAQUE, também chamado TAMBOR, SURDO, BATUQUE, etc.

Para os estrangeiros isso pode parecer um enorme absurdo mas, para nós brasileiros, que possuímos o ritmo no sangue é algo personalístico e perfeitamente justificável: são quatro séculos de vivência rítmica. Vejamos. Segundo os historiadores e etnólogos, estudando e analisando o regime tribal africano e comparando-o com o comportamento dos negros aqui no Brasil, durante o cativeiro, concluiu-se que o negro gostava da música e adorava a dança. Dizem mais: *o negro só trabalhava de boa vontade quando o deixavam cantar*. E ele cantava ao som de instrumentos rústicos: batuque (tambor)... *atabaque*, chocalhos e guizos.

Nessa altura a associação é clara e explica essa tendência do brasileiro para a “batucada”.

Diz Aroldo de Azevedo: “ao negro devemos nossas músicas populares: o samba, o frevo, o maracatu”. Devemos acrescentar que, igualmente, da mesma origem são o cateretê, o jongo e a congada, que são os fundamentos de nossa música popular.

A URUCUBACA

À medida que a criança cresce, novas canções lhe vão sendo ensinadas. Uma dessas canções, aliás, que esteve em moda durante

muito tempo e agora está meio apagada, reúne, sózinha, três elementos importantes e dignos de estudo pelo caráter melancólico e puramente fetichista.

Nesta outra canção o boi entra em cena novamente, não mais com a função de amedrontar mas, na qualidade de vítima.

Eis um trecho dessa canção:

O meu boi morreu

Que será da vaca

Pinga com limão ó maninha

Cura urucubaca.

Aí estão, portanto, três coisas bem brasileiras: o indispensável boi (anteriormente chamado de “cara preta”) a *pinga com limão*, bebida de uso nacional consagrado (também chamada “caipirinha”) e, finalmente, a grande preocupação que o brasileiro tem pelo *azar* (anteriormente denominado “caipora”).

É, realmente, uma combinação de elementos os mais estranhos: boi, pinga com limão e urucubaca. Não deixa de ser, entretanto, sugestiva essa canção. Ela nos informa sobre a transcendental propriedade encerrada pela pinga com limão na cura do AZAR, nesse caso, chamado URUCUBACA.

Acontece, porém, que há pessoas que se sentem portadoras de *muito azar* e, portanto, vítimas de pertinaz urucubaca. Daí a necessidade terapêutica de ingerir grandes doses de pinga com limão...

Cabe aqui mais uma explicação para que o espírito dessa canção possa ter mais autenticidade. Como é do conhecimento geral, a pinga com limão tem múltiplas aplicações: no inverno, serve para aquecer; no verão, para refrescar... E isso é feito com certo ritual porque, além de aquecer ou refrescar, ela possui a propriedade mística de curar o AZAR. E uma bebida que possui tais propriedades merece um respeito todo especial...

Quantas e quantas pessoas não terão presenciado o fato seguinte, que traduz bem a mística dessa bebida “milagrosa”. Eis o fato: quando uma pessoa habituada a essas aventuras etílicas entra

num bar e pede o "remédio" para urucubaca, não o toma de imediato. Antes de tomá-lo, disfarçadamente entorna no chão um pouco do conteúdo do copo e exclama: "para o santo!" Outros porém, dedicam esse gole derramado "para as almas".

Vamos tentar explicar a razão de ser desse gole dedicado "ao santo". O "santo", nesse caso, só pode ser o Santo Onofre que, segundo a crença popular é Santo que tem o hábito de beber pinga. Será, talvez, o padroeiro dos "pau d'água". Há ainda uma outra curiosidade sobre esse santo: ele interfere contra as feitiçarias, o mau olhado, os bruxedos, os máus espíritos, etc. Há uma maneira típica de homenagear esse Santo. Segundo a crença, ele tem o hábito de beber pinga e por isso é uso manter um copo de pinga diante de sua imagem (dizem os "entendidos" que, no dia seguinte, o copo estará vazio...)

Como se vê, a canção citada deve ter o seu fundamento etnológico porque, era crença geral, entre os africanos, que os máus espíritos andavam soltos pelo mundo.

E eles, os africanos, para combatê-los, usavam de um curioso estratégia: certos homens, chamados "diabos fingidos", se fantasiavam e andavam pelos campos e pelas aldeias espantando os espíritos malignos.

Evidentemente, aqui no Brasil, esses "diabos fingidos" não devem ter funcionado muito bem porque os africanos eram escravos e, certamente, não lhes teria sido permitida essa locomoção. Os "diabos" que permanecessem soltos, porque o escravo negro, por medida de precaução continuaria preso à senzala...

A solução foi simples: engarrafou-se o "diabo fingido". E, se não era possível espantar os máus espíritos, havia, pelo menos, o recurso de embriagá-los...

AMOR E AMARGOR

Prosseguindo em nossa jornada pelas cantigas de roda, vamos chegar a um bosque. Um bosque triste, onde mora um anjo perverso que rouba corações. E as crianças, em sua inocência, cantam melancolicamente:

Nesta rua, nesta rua

Tem um bosque

Que se chama, que se chama

Solidão

Dentro dêle, dentro dêle

Mora um anjo

Que roubou, que roubou

Meu coração.

Para que se possa julgar o anjo, dentro de um princípio elementar de justiça, devemos ouvi-lo também, antes de acusá-lo. E o anjo, assim se defende:

Se eu roubei, se eu roubei

Teu coração

Foi porque

Tu roubaste

O meu também.

Enfim, depois do bosque, do anjo mau e do coração roubado, chegamos à cantiga que é, sem dúvida, a mais popular e a mais célebre dentre todas as nossas cantigas de roda: a "CIRANDA, CIRANDINHA". Ela é bem infantil, e é, realmente, um primor de canção. Mas, infelizmente (como não podia deixar de acontecer) foram-lhe colocados alguns versos amargos.

Eis os versos:

O anel que tu me deste

Era vidro e se quebrou

O amor que tú me tinhas

Era pouco e se acabou

Aí está. O anel que representa o vínculo da amizade, era de vidro: quebrou-se! o amor, era pouco: acabou-se!

Isso não deixa de ser, entretanto, uma séria advertência aos noivos e namorados, lembrando-os sobre o amor duradouro e prevenindo-os para que não presenteiem suas bem amadas com anéis de vidro: elles se quebram...

CANTIGAS E PROBLEMAS SOCIAIS

Saindo-se um pouco dessa linha de azares, de bois que morrem, de corações roubados e de anéis de vidro que se quebram, vamos penetrar, isto é, a criança vai penetrar em problemas sociais os mais complexos. Em uma de nossas cantigas de roda chega-se à temeridade de abordar o problema da viuvez. E são focalizadas as angústias de uma complexada viúva, quando na iminência de contrair novas núpcias.

E as crianças, enfatizando suas delicadas e agradáveis vozes, vão cantando na roda:

*Dizei, senhora viúva
Com quem quereis se casar
Se é com o filho do conde
Se é com o seu general
General, general.*

Isso até que parece bom, dirão alguns otimistas, porque a criança, antes mesmo de conhecer a sociedade, já vai conhecendo os grandes problemas sociais...

Em todo caso, acrescentarão os otimistas, que bom para essa viúva. Não estava desamparada. Tinha dois pretendentes importantes. Era só escolher um deles...

Aquí para nós, que somos republicanos, torcemos pelo general. A decisão, porém, é da viúva.

A decisão se encontra nos versos seguintes, melancólica, queixosa:

Não é nenhum desses moços

Eles não são para mim

Eu sou uma pobre viúva

Triste, coitada de mim.

E essa é a história da viúva. Dentro desse campo, porém, existe outra canção que aborda o problema do casamento de modo irônico e sarcástico (mórbido, até certo ponto). Até os defeitos físicos são ressaltados nessas canções. Com que finalidade, não se sabe. E a canção que se segue refere-se a um corcunda.

Eis a canção:

*Eu sou corcunda
Mas tenho dinheiro
Por causa de môças
Não morro solteiro.*

Se o corcunda não se amofina porque não lhe falta dinheiro, há uma menina, de outra canção, que chora copiosamente pela falta de dinheiro.

A canção é esta:

*Chora, menina, chora
Chora porque não tem vintém
A menina que está na roda
Parece uma bobona, toleirona
Menina chora.*

E, então ?

FLÔRES AMARGURADAS

Depois da viúva, do corcunda e da toleirona, as flôres !

As flôres, nesta altura, vão entrar na vida dos pequeninos.

É digna de nota, porém, a morbidez de nossos trovadores que, até nas flôres conseguiram instilar o travo da amargura e, o que

é pior, conseguiram provocar a discórdia entre elas. E as flores, assim como os seres humanos, se desentenderam também.

De que maneira?

Assim:

O cravo brigou com a rosa

Debaixo de uma sacada

O cravo saiu ferido

A rosa, despedaçada.

Essa terá sido, talvez, uma briga de mentirinha. Em verdade, as flores não brigam. Nós é que brigamos...

Em todo caso, pelo menos essa canção deveria ter um fim alegre porque as crianças necessitam de canções felizes, que não falem em desgraças ou, que não terminem trágicamente.

Apesar disso, não foi assim que aconteceu. Houve, é verdade, um certo arrependimento por parte do cravo (certamente era cavalheiro e em mulher não se bate nem com uma flôr...) Entretanto, o coitado do cravo adoeceu. E a tristeza teve que prosseguir.

E assim termina a canção, isto é, a contenda:

O cravo ficou doente

A rosa foi visitar

O cravo teve um desmaio

A rosa pôs-se a chorar.

É fantástico! Primeiro, o cravo brigando com a rosa, e a rosa despedaçada. Segundo, a rosa chorando e o cravo desmaiado.

Evidentemente são dois quadros musicais pouco tranquilos para as crianças. A verdade é que não podemos negar esse pendor doentio para as coisas tristes. E, certamente, isso é resultante de nossa mentalidade fetichista. Essa tendência vai longe. Reflete-se até em nossas músicas carnavalescas, muito embora os "entendidos"

afirmarem que *o carnaval é o reinado da alegria*. Dizem eles: são três dias de preocupação, de exteriorização, onde não há lugar para a tristeza.

Mas o que se verifica na música é exatamente o contrário. E, do que falam as músicas carnavalescas?

Falam de tristezas, de frustrações, de mortes, de amarguras enfim. A exemplo disso surgiu, há alguns anos passados, certa canção carnavalesca (cantada até nos dias atuais) onde se lamenta a morte de uma camélia. Pela sua alegre melodia e pela letra acessível, passou a constituir, inclusive, cantiga de roda.

Devemos lembrar que, entre as crianças, o cravo apenas brigou com a rosa (arrufo de namorados) mas, entre adultos a coisa se torna mais séria porque a camélia morreu mesmo. E era carnaval!

A jardineira, entretanto, está inconsolável pela morte da linda flôr que caiu do galho (fratura, talvez da base do crânio) e alguém procura consolá-la:

Ó jardineira

Por que estás tão triste

Mas o que foi que te aconteceu

Foi a camélia que caiu do galho

Que deu dois suspiros

E depois, morreu.

Sina triste a da camélia. Morrer em pleno reinado da alegria...

OS ZUMBIS

Realmente causa espécie essa nossa obstinação com a morte, mencionada em boa parte de nossas canções e cantigas. O possível lado alegre das canções é sempre ofuscado pelo aparecimento sombrio de acontecimentos melancólicos e até de mortes inusitadas. Existe até, como se disse, um paralelo contrastante: apesar de nossas cantigas de roda encerrarem assuntos da mais elevada tristeza, elas se destinam a reuniões alegres e garridas, como sóem ser as reuniões infantis.

E, por que, então, essa preocupação TANATOLÓGICA? Como explicar que até hoje, em pleno século vinte, ainda proliferam os "rezadores", os "benzedores", os "curadores", e os "pais de santo".

A explicação disso poderia estar encerrada nos "ZUMBIS". E o que são os "Zumbis"? Vejamos. O africano conhecia (e conhece ainda) as virtudes medicinais de determinadas plantas. Até aí nada de mais, porque quase toda nossa farmacopeia está assentada em bases vegetais.

É que, no caso em foco, o emprêgo dessas plantas (pelo feiticeiro) era acompanhado de inúmeros exorcismos e sendo êle, o africano, essencialmente supersticioso, a virtude medicinal da planta passava a ter papel secundário. O que resolvia mesmo eram os exorcismos do feiticeiro...

A explicação final vem agora. É a seguinte: o africano acreditava piamente nos "ZUMBIS", espíritos dos mortos. Havia também a presunção de que os "ZUMBIS" revelavam aos feiticeiros tudo o que era secreto e sobrenatural. Daí o grande prestígio dos feiticeiros que persiste até hoje entre nós, sob vários nomes. Daí essa obstinação com a morte que nos foi legada.

Associando-se os "ZUMBIS" aos "Diabos fingidos" citados anteriormente, forma-se uma poderosa dupla que precisava ser espantada a qualquer custo, seja com exorcismos, seja com cantigas porque, segundo o dito popular: QUEM CANTA, SEUS MALES ESPANTA.

Há um estribilho popular, tirado de velha cantiga de roda, que poderia expressar bem aquilo que se disse, além de reforçar o repertório.

É êste:

Pirolito que bate, bate

Pirolito que já bateu

A menina que eu mais amava

Coitadinha já morreu.

Um amor entre crianças em que morre a menina. É lastimável!

SORTES E VENENOS

Chegando ao final do trabalho, resta-nos explicar como se inicia uma brincadeira infantil, seja de roda, seja de pegador, seja de qualquer outra modalidade.

Para isso, há necessidade de seleção, pois, alguns ficarão dentro da roda e outros, fóra. Só a sorte, portanto, decidirá quais as crianças que gozarão privilégios no brinquedo.

Há uma série de fórmulas para isso mas, vamos mencionar apenas algumas. Pelo seu conteúdo e pela sua pertinência com o nosso assunto, elas são mais do que suficientes.

Pois bem. As crianças ficam em círculo e uma delas tira a sorte dizendo a fórmula, fazendo coincidir as sílabas com as meninas.

A primeira é esta:

Lá em cima do piano

Tem um copo de veneno

Quem bebeu...

Morreu.

A segunda, mais requintada e completa, é esta:

Um, dois, três, quatro

Lá na rua trinta e quatro

A mulher matou um gato

Com a sola do sapato

O sapato derreteu

A mulher, morreu.

Não há necessidade de maiores comentários. A explicação está implícita e encerra todo o nosso espírito de magia, onde, até um sapato, inexplicavelmente, se derrete e ocasiona a morte da mulher que, por sua vez, matara um gato.

E como terceira fórmula de seleção citaremos a do menino que foi apanhado fumando às escondidas. O seu castigo foi dos mais violentos e mórbidos:

*Uma velha, muito velha
Foi contar à minha mãe
Que eu pitava um cigarro
Com o nariz cheio de sarro.*

O castigo propriamente dito virá agora, nos versos seguintes:

*Minha mãe me deu uma surra
E me jogou no taquaral
Onde tinha muitos bichos;
Eu não pude me salvar*

A CONTRIBUIÇÃO PARA A NACIONALIDADE

Não podemos encerrar êste trabalho, sem uma palavra de justiça a êsse extraordinário elemento que representa um dos estíopes mais fortes de nossa nacionalidade.

Se assim não o fizermos, ficará a impressão de que sua única contribuição foi a de imprimir melancolia em nossas canções.

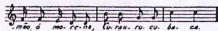
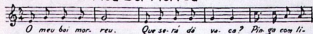
A palavra é de Jônatas Serrano:

“No Brasil encontrou o escravo africano a melhor de suas guaridas. Em quatro séculos incorporou-se totalmente à nacionalidade brasileira.

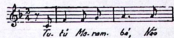
Foi, também, de importância capital a ação do negro nos destinos históricos da sociedade brasileira.

Renovou a raça portuguesa, tornou-lhe acessível a natureza esmagadora do Brasil, guarneceu-lhe as cidades e as fazendas, defendeu-lhe as casas, os fortes e os estabelecimentos, frutificou a terra com o seu suor, desbravou o sertão com a sua energia e, finalmente, acalentou-lhe os filhos e amparou-a com a sua dedicação e amizade”.

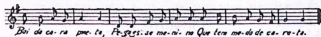
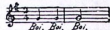
O Meu Boi Morreu



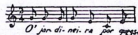
Tutú Marambá



Caipora ou Boi, Boi, Boi



O' JARDINEIRA



- LOPES, E. Mira Y — *Psicologia Evolutiva da Criança e do Adolescente.*
- MELLO, Veríssimo de — *Rondas Infantis Brasileiras.*
- PLANCHARD, Emile — *Introdução à Psicologia da Criança.*
- POMBO, Rocha — *História do Brasil.*
- POROT, Maurice — *A Criança e a Família.*
- QUERINO, Manoel — *A raça Africana e seus Costumes na Bahia.*
— *Bahia de Outrora.*
- RAMOS, Arthur — *O Folclore Negro do Brasil.*
- RUDOLFER, Noemi Silveira — *Introdução à Psicologia Educacional.*
- RUSSEL, Bertrand — *Educação e Ordem Social.*
- SANTOS, Teobaldo Miranda — *Orientação Psicológica da Criança.*
- SERRANO, Jônatas — *História do Brasil.*
- VILLA-LOBO, Heitor — *"Guia Prático" de Canções.*